



"A BIBLIOTECA DO PENITENTE": PRÁTICAS DE LEITURA ENTRE OS PENITENTES PEREGRINOS PÚBLICOS EM JUAZEIRO DO NORTE, CE.

Roberto Viana de Oliveira Filho¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: robertovianahistoria@hotmail.com

O escrito contém, além de significados, trajetos. Além da possibilidade de unidas, formarem uma sentença lógica, as escrituras também enunciam uma “verdade” que é diluída e ressignificada aos olhos do leitor. Quem escreve deve saber que “os caminhos da escrita combinam o plural dos itinerários e o singular de um lugar de produção” (CERTEAU, 2015, p.235).

Muitos livros, de diferentes destinos e temporalidades circularam entre os católicos leigos no Brasil, ajudando a construir e dar sentido à crença vivida por aquelas pessoas. Destaco aqui a circulação dos manuais de devoção, especialmente nos séculos XVIII e XIX. Essas obras “abordavam variados temas da vida e da expressão dos sentimentos religiosos dos católicos. Nelas, se enquadravam os manuais de bem morrer, os manuais marianos e a ‘produção ascética e penitencial da contrarreforma’, que apresentam distinções pouco precisas entre si” (FLECK, DILLMANN, 2014, p. 46).

Imbuídos dos significados plurais que esses escritos representam, muitos católicos leigos reelaboraram práticas religiosas através de uma relação, muitas vezes paradoxal, com a ortodoxia, a Igreja “oficial”. Esse embate pode ser pensado, na minha interpretação, através de uma análise que leve em conta as práticas de leitura (CERTEAU, 2012), (CHARTIER, 2011), as negociações do sagrado (HOORNAERT, 2001) e a constituição de sensibilidades históricas (PESAVENTO, 2007).

¹ Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (2014), Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Campina Grande (2017), professor do ensino médio da rede privada de ensino, professor substituto da URCA.



A curiosidade sobre essas práticas devocionais surgiu na ocasião do meu contato com o livro *Missão Abreviada*² (Portugal, 1859) através das narrativas dos integrantes da irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos³ em Juazeiro do Norte, durante a pesquisa de mestrado em História. Entrevistei e convivi com seguidores e penitentes dessa irmandade por cinco anos (2012 – 2017), e foi através dessas pessoas que tomei conhecimento do que eles chamam de o “Primeiro livro do mundo”:

Dona Virgínia: A Bíblia é um livro que ensina muitas coisas. Tem muita parte da Missão nela. A Bíblia é nova. De mil e quinhentos pra cá. A bíblia é de mil e quinhentos pra cá. A Missão é antiga. É do começo do mundo. Foi de São Pedro que fez a Missão. A Missão de Jesus Cristo. Foi o primeiro livro do mundo⁴.

É possível perceber na narrativa de Dona Virgínia⁵ uma relação tensa com o tempo. O elemento temporal é usado como argumento central para ratificar a importância da *Missão Abreviada*. Para essa senhora, o passado é o tempo perfeito, o *tempo sagrado*, do padre Cícero onde, em sua cosmovisão, suas crenças não eram estranhas ou símbolo de “fanatismo”. As memórias de Dona Virgínia deslocam todo o significado desses textos para o seu *espaço de experiência* (KOSELLECK, 2006), ou seja:

² A *Missão Abreviada* foi escrita em 1859 pelo padre português Manoel José Gonçalves Couto e faz parte de uma leva de *manuals de devoção* que se inscrevem em uma *literatura da espiritualidade e do terror* (NOBRE, ALEXANDRE, 2011) que foi amplamente difundida no Brasil oitocentista e também em períodos posteriores. Era um dos livros mais utilizados por Antônio Conselheiro em Canudos e pelo beato José Lourenço na comunidade do “Caldeirão da Santa Cruz do Deserto” (SILVA, 2009).

³ Em linhas gerais, esse grupo de penitentes, tem como meta a redenção dos pecados e a salvação a partir da mendicância, peregrinação e privação dos bens materiais. Nas suas casas (pelo menos até o ano 2000 enquanto o Mestre José estava vivo) não existia água encanada, nem energia elétrica. Todos os homens e mulheres que adentrassem no grupo passavam por um ritual chamado de “Batismo da Cruz”, no qual eram queimados todos os seus documentos oficiais e “renasciam” com um novo nome para uma “nova vida”. Os homens passam a ser conhecidos como José Aves de Jesus e as mulheres Maria Aves de Jesus.

⁴ Entrevista realizada no dia 07 de Julho de 2015 na calçada da casa de Dona Virgínia, no bairro Tiradentes na cidade de Juazeiro do Norte, CE.

⁵ Essa senhora integra a irmandade desde a década de 1980 quando seu marido, Manoel José Aves de Jesus, decidiu “morrer para o mundo material” e ingressar no grupo. Atualmente ela reúne-se todos os dias com outras mulheres da irmandade para rememorar histórias e desvendar os mistérios do sagrado.



[...] o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. (KOSELLECK, 2006, p.309)

O que importa para Dona Virgínia, além do conhecimento que está posto sobre esses livros, é a relação que ela estabeleceu com essas obras em sua *experiência* mnemônica enquanto seguidora das devoções propostas pela irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos. É a partir da investigação dessa experiência coletiva que analiso ser possível desenvolver importantes questões sobre as tensões sociais que envolvem e ressignificam essas práticas religiosas.

Este trabalho busca investigar, portanto, as *práticas de leitura* entre os integrantes dos Penitentes Peregrinos Públicos levando em consideração a relação paradoxal entre as suas vivências cotidianas e um conjunto de leituras, especialmente os livros “Missão Abreviada” (1859), “Na Luz Perpétua” (1925) e “Escudo admirável para os males da vida” (1858). A história da leitura será, portanto, a ponte que percorrerei para transitar entre as temporalidades que reverberam nas narrativas dessas mulheres e homens.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de Leitura, Penitentes Peregrinos Públicos, Missão Abreviada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 316 p. Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

_____. A escrita da história. 3 ed. Rio de Janeiro, Forense, 2015. Tradução: Maria de Lourdes Menezes.

_____. La debilidad de creer. 1ed. Buenos Aires, Katz, 2006. Traducido por: Víctor Goldstein.



CHARTIER, Roger (Org.). Práticas de leitura. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. 1. Ed. São Paulo, Editora UNESP, 1998.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILLMANN, Mauro. Escrita, práticas de leitura e circulação de manuais de devoção entre Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX. História, Histórias: Revista do programa de pós-graduação em história - UnB, Brasília, v. 2, n. 24, p.44-59, set. 2014.